

Fetichismo, perversão e sadismo em Huysmans e João do Rio

Paulo Alex Souza Melo

Introdução

Estética do final do século dezenove na Europa, o Decadentismo correu, ou melhor, descaminhou por um caminho paralelo aos valores dominantes de seu tempo, se colocando do lado oposto da moral burguesa.

Tomando por base a idéia do fetichismo ou da fetichização dentro da linha psicanalítica, o presente trabalho busca mostrar que algumas características do Decadentismo constituem-se em verdadeiros fetiches, pelos quais os personagens decadentistas buscarão o prazer, a satisfação de seus gostos e desejos extravagantes. Em breves palavras, fetichismo é o objeto feito pelo homem ou pela natureza, ao qual se atribui poder sobrenatural, por conseguinte, fetichismo é a adoração ou culto de fetichismo.

Em nosso estudo, tomaremos como *corpus* literário o romance *Às avessas* do francês Joris Karl Huysmans, e os contos *Emoções* e *Dentro da noite*, do brasileiro João do Rio.

Para entender melhor

Em *Às avessas*, deparamo-nos com um personagem, des Esseintes, no mínimo excêntrico. Essa excentricidade é causada pelo

tédio, que por sua vez é consequência da sensação de saciedade que ele sente, como bem sintetizou José Paulo Paes em seu prefácio-estudo ao livro: “o preço da abundância é a saciedade, o preço da saciedade é o tédio. Para fugir do tédio, des Esseintes se vê forçado a refinar cada vez mais os seus prazeres” (PAES, 1987, p. 10). Rico, último e único herdeiro da fortuna acumulada pela sua família, des Esseintes desfrutou de inúmeros e variados prazeres e extravagâncias que o saldo final foi tê-lo desiludido, enfasiado. Agora, para satisfazer-se, buscava prazer na anormalidade, na excentricidade, um prazer refinado. Esse refinamento é extremado a ponto de se constituir em uma doença, a nevrose, que o impelia a práticas cada vez mais esquisitas, mais singulares, que desembocam, em última análise, em fetiche.

Ao falarmos em fetiche temos de, necessariamente, lançar mão do repertório psicanalítico, das teorias de Sigmund Freud e Jacques Lacan sobre o fetichismo, que aqui nos vem mediado pelo ensaio claro da psicanalista Maria Rita Kehl, “O Fetichismo”, que faz parte do livro *7 Pecados do Capital*. Segundo a autora, para a psicanálise “o fetichismo estrutura a subjetividade e determina um modo de relação entre os sujeitos” (KEHL, 2000, p. 92). Mas isso não nos diz o suficiente, precisamos mergulhar mais a fundo na teoria para entender melhor seu funcionamento, o funcionamento psíquico do fetiche e, por conseguinte, o funcionamento da neurose da personagem huysmaniana.

Ele [Freud] supõe um menino pequeno, que até certa idade vive numa espécie de paraíso: o paraíso do primado do falo. A fantasia que sustenta sua felicidade é a de que a sua mãe é um ser completo, a quem nada falta, justamente porque tem a ele, seu filho, como objeto de sua absoluta plenitude. Mas um dia o menino (...) percebe, aterroizado, que também sua santa e poderosa mãe possui um corpo meio esquisito, e que ali onde deveria existir um órgão grande e perfeito (como o dele, mas também como o do pai), não existe absolutamente nada. Para Freud, esta descoberta infantil da diferença sexual inaugura, no menino, uma experiência de angústia – a chamada angústia da castração, que se resume na percepção de que “se eu tenho, estou exposto à possibilidade de perder” (KEHL, 2000, p. 87-8).

A partir dessa parábola, Freud afirma que alguns sujeitos elegeem, nesse momento de terror, um objeto para ocultar aquilo que já viram, mas não querem saber que viram. “Este objeto, na parábola freudiana, funcionará, pelo resto da vida do fulano, como objeto-fetichê: o objeto capaz de mobilizar o seu desejo” (Idem, p. 89) e protegê-lo da angústia original.

Um sonho

Huysmans nos oferece uma prova cabal dessa angústia no capítulo VIII, no qual, des Esseintes, após acompanhar contemplativo a chegada do batalhão de plantas e flores que encomendara, “sonha com uma série de esquisitos andróginos femininos, primeiro uma

mulher alta, magra, com botas de soldado prussiano, depois uma desvairada ‘criatura assexuada’ a cavalo”, conforme nos diz Camille Paglia em seu livro *Personas sexuais* (1992, p. 398). Depois dessas, surgiu-lhe “uma mulher muito pálida, nua, as pernas modeladas por meias de seda, verdes” (HUYSMANS, 1987, p. 129), que diante dele se metamorfoseia em uma flor com olhos que o fascinavam; e quando a estava quase tocando, amorfófalos – plantas grandes que, a julgar pelo nome, devem possuir aparência de pênis deformados – surgem e se precipitam sobre o ventre ondulante daquela mulher-planta. Mas o pior ainda estava por vir, e abaixo, transcrevemos o final desse pesadelo de fato aterrorizante para des Esseintes – quiçá para todo homem!:

Fez um esforço sobre-humano para livrar-se dos seus enlaces, mas, com um gesto irresistível, ela o retinha, o agarrava, e, desvairado, ele viu brotar-lhe sob as coxas erguidas o selvagem *Nidularium* que se entreabria, sanguinolento, em lâminas de sabre.

Ele roçava com o corpo o odioso ferimento da planta; (Idem, p. 130).

O sonho do personagem estabelece um nítido paralelo com a análise freudiana da angústia da castração. É por meio dele que nos é expressa a angústia de des Esseintes, o medo original que habita a sua formação psíquica, ilustrado, nesse caso, por uma simbiose de mulher e planta, com uma vagina-flor que possui lâminas de sabre e se abria em sua frente, cheia de sangue. É a planta carnívora trans-

mudada numa vagina carniceira com dentes afiados, sempre disposta a decepar o pênis do impotente des Esseintes. Não à toa Camillee Paglia afirmar que o personagem tem aí “uma das mais horrorizantes experiências arquetípicas da literatura” (PAGLIA, 1992, p. 398) pois a “visão dos órgãos genitais femininos como uma ferida é um lugar-comum na literatura psicanalítica” (Idem, p. 399). É dessa angústia que os fetichistas buscam escapar por meio de seus objetos-fetiches que “inventam”, que instituem para ocultar, em jargão psicanalítico, denegar, esse fato desagradável, angustiante.

Todavia, falamos mais acima que precisaríamos utilizar as teorias de Freud e Lacan para explicar o funcionamento do fetiche. Isso porque para o primeiro, os sujeitos que elegem o tal objeto-fetiche são os chamados *sujeitos perversos*, enquanto que o segundo, vai “relacionar o modo fetichista de funcionamento do desejo no sujeito perverso, com aquilo que move todo desejo humano, nos ‘neuróticos comuns’ que somos nós. Pois o desejo, para Lacan, existe como efeito da perda de um objeto inaugural, não tanto de prazer mas de gozo” (KEHL, 2000, p. 90). Ou seja, Lacan pegou o suporte teórico desenvolvido por Freud em relação aos sujeitos perversos, e o estendeu aos demais sujeitos. Para ele, aquele objeto de gozo perdido, simboliza a completude perdida no momento em que somos separados do Outro, cuja primeira encarnação imaginária é a mãe: “Algo se perde nesta operação, um objeto que simboliza no inconsciente este gozo perdido – chamado por Lacan de ‘mais-gozar’ – e que funciona como objeto-causa-do-desejo, o chamado objeto *a*” (Idem, p. 90-1).

Fetichismo, perversão e sadismo

Sem sombra de dúvida, uma das marcas mais forte dessa “bíblia” decadentista que é *Às avessas*, é a que enlaça essas três práticas: o fetichismo, a perversão e o sadismo, pois também em relação às práticas afetivas, eróticas ou sexuais, des Esseintes escolherá o caminho da excentricidade e da extravagância, para saciar-se ou por puro prazer sádico.

O capítulo VI nos oferece dois ótimos exemplos em que o protagonista, por meio de um fetichismo completamente sádico, obtém prazer. No primeiro, ao saber de um amigo que este se casaria e que sua noiva decidira morar em um apartamento moderno construído em rotunda, des Esseintes o encoraja sabendo que d’Aigurande não possuía fortuna alguma. Seu pensamento era que quando a esposa enjoasse do apartamento redondo e quisesse se mudar para um quadrado, não podendo levar o mobiliário adaptado para o apartamento antigo, e também não tendo dinheiro para comprar novos, o casal começasse a se desentender. Não foi diferente, eles mudaram de apartamento mas permaneceram com o mobiliário redondo, por isso “Pouco a pouco, o incômodo mobiliário tornou-se uma fonte de intérimos aborrecimentos; (...); os dois cônjuges se irritavam, censurando-se mutuamente (...); ele ia alegrar-se fora de casa, ela buscou nos expedientes do adultério o esquecimento de sua vida chuvosa e insípida. De comum acordo, rescindiram o contrato de aluguel e requereram a separação de corpos” (Idem, p. 100).

Diante desse final trágico, a exultação do arquiteto do mal, des Esseintes: “Meu plano de batalha estava certo”, tendo experimentado “a satisfação dos estrategistas quando suas manobras, previstas com grande antecedência, alcançam êxito” (Idem). Uma leitura superficial e sem compromisso, poderá achar que é apenas um ato de maldade isolado, porém, buscando conhecer e compreender o seu psiquismo atormentado pela nevrose, veremos se tratar, em última análise, de um fetiche decadentista. É a tendência ao vício aliada à completa repugnância à vida tradicional burguesa, é o gosto imperativo pelo avesso, é o culto à ruína que os decadentes prestavam, e a oferenda nesse caso, foi esse ingênuo casal, vítima de uma verdadeira necessidade de des Esseintes de aplacar o seu desejo pervertidamente sádico, nem que para isso tenha que ceifar a felicidade do próprio amigo.

Isso fica mais claro no segundo episódio, que narra o aliciamento por des Esseintes de um “rapazola de cerca de dezesseis anos, de tez algo pálida e ar finório, sedutor como uma rapariga” (idem: 101), de nome Auguste Langlois. Seu objetivo agora era “simplesmente de preparar um assassino”, para isso, oferece ao rapaz, a cada quinze dias e durante três meses, prazeres luxuriosos em um bordel sem custo para ele. Com “a idade em que o sangue ferve”, desejará mais e mais esses prazeres, porém, sem dinheiro para conseguir, fará de tudo para saciar seu desejo, até roubar e matar. Com isso, diz des Esseintes: “terei atingido o meu propósito e contribuído, na medida dos meus recursos, para criar um malandro, um inimigo a mais desta odiosa sociedade que nos espolia” (Idem, p. 103).

Um outro exemplo dentro dessa mesma linha, encontramos no conto *Emoções* do fluminense João do Rio. Nele, o barão Belfort conta a um amigo – o narrador do conto – sua grande emoção ao ver os seus iniciados em jogatina se deixarem viciar loucamente nessa prática. A narrativa se desenvolve em torno da “última observação” estudada e analisada pelo barão, Praxedes, um chinês, sujeito simples, trabalhador, casado com uma rapariga de nome Clotilde. Numa noite em que o barão convidou o casal para jantar, iniciou o seu plano de ataque para instalar no chinês a paixão pelo jogo. Jogaram apostas a noite inteira e o que se sucedeu depois disso, foi o envolvimento frenético e incondicional do chinês com o jogo. Num primeiro momento chegou a ganhar uma fortuna, mas depois, veio a derrocada: “abandonara o emprego, vendera o mobiliário, as jóias da Clô, os vestidos, as roupas, mudara-se para uma casa menor e alugara a sala da frente” (RIO, 1990, p. 24); mesmo perdendo tudo quanto tinha – com exceção da mulher que deveras o amava – persistiu no vício que o levou a uma morte trágica jogando-se da janela da casa, tendo antes batido a cabeça várias vezes contra a parede, quando discutia com Clotilde.

O que nos interessa aqui é analisar o comportamento de Belfort diante de tudo isso. O barão a todo momento explicita o seu contentamento em ver Praxedes se entregando de corpo e alma ao jogo. Quando o seu pupilo já estava fisgado pela jogatina e o procurava para saciar o vício, Belfort o levou à roleta de um clube, tendo inclusive ali ficado para jantar “só para não perder algumas horas o inte-

resse desse espetáculo” (Idem, p. 23) que assim descreveu: “Ah! meu caro, que cena! que fina emoção! O jogo, quando empolga, domina e envolve homem, é o mais belo vício da vida, é o enlouquecedor espetáculo de uma catástrofe sempre iminente, de um abismo em vertigem” (Idem).

No entanto, é em outra passagem, relacionada ao Oswald, rapaz a quem o barão Belfort estava desencaminhando no momento, que ele esclarece melhor o que pretende e o que sente ao se dedicar a este nefasto fetiche. Diante do amigo que o indagava se o que queria era perder o rapaz, sua estranha resposta foi: “— Oh! não, quero gozá-lo. Tu sabes, o homem é um animal que gosta. O gosto é que varia. Eu gosto de ver as emoções alheias, não chego a ser o bisbilhoteiro das taras do próximo, mas sou o gozador das grandes emoções de em torno. Ver sentir, forças as paixões, os delírios, os paroxismos sentimentais dos outros é a mais delicada das observações e a mais fina emoção” (Idem, p. 22).

Gozar, eis a pretensão do barão. Vale lembrar que o verbo *gozar*, em sentido transitivo, significa *usar ou possuir coisa útil ou aprazível*, mas em sentido intransitivo significa *ter prazer*. Atentando-se somente para as palavras e ao fato de se tratar de uma pessoa que está sendo manipulada sem o saber, o primeiro significado se encaixa melhor, porém, estudando-se mais detalhadamente tal como estamos fazendo, veremos que o segundo é a própria força motriz para a ocorrência do primeiro, ou seja, é em função de ter prazer que o sádico Belfort irá usar seu objeto-fetiche. Através de suas “obser-

vações” (os rapazes viciados em jogo), Belfort almeja alcançar o seu mais-gozar, seu objeto *a*, que é ter emoções ao ver as emoções alheias. O problema está nas emoções que ele elegeu como fontes de seu prazer, assim como a maneira de consegui-las. Sua perversão e o seu sadismo residem exatamente nesse ponto.

O outro conto de João do Rio que nos propusemos a analisar, *Dentro da noite*, relata a história de Rodolfo Queirós, de sua noiva Clotilde e entre eles, a nevrose de Rodolfo. Abaixo, segue um trecho que deixa patente a patologia da nevrose do protagonista, um trecho de tom apaixonante que seduz com uma vivacidade de um *allegro*, deixando no leitor uma estranha excitação: “E uma noite estávamos no baile das Praxedes, quando a Clotilde apareceu decotada, com os braços nus. Que braços! Eram delicadíssimos, de uma beleza ingênua e comovedora, meio infantil, meio mulher (...). Tive um estremecimento. Ciúmes? Não. Era um estado que nunca se apossara de min: a vontade de tê-los só para meus olhos, de beijá-los, de acariciá-los, mas principalmente de fazê-los sofrer. Fui ao encontro da pobre rapariga fazendo um enorme esforço, porque o meu desejo era agarra-lhe os braços, sacudi-los, apertá-los com toda a força, fazer-lhes manchas negras, bem negras, feri-los... Por quê? Não sei, nem eu mesmo sei – uma nevrose!” (RIO, 1990, p. 16).

Podemos notar desse trecho que a obsessão de Rodolfo se deu de repente, ao ver, talvez pela primeira vez, a noiva com os braços à mostra. É como se surgisse de um estalo. A isso, podemos associar a distinção psicanalítica entre o sujeito neurótico e o sujeito perverso,

feita por Maria Rita Kehl (2000, p. 91). Segundo a autora, o primeiro não sabe o que move o seu desejo, enquanto que o segundo nomeia um objeto real, que funciona como o seu objeto *a*. De acordo com isso, fica-nos fácil classificar Rodolfo como o perverso da teoria lacaniana. Tal como este, aquele elegeu seu objeto-fetice, seu objeto *a*: o braços nus de Clotilde; e tenta, desesperadamente, possuir e subjugar-los, como fica evidente na seqüência em que ele, primeiramente, afirma sua vontade de ter os braços para deleite de seus olhos, depois, para beijá-los, depois acariciá-los, por último e principalmente, de “fazê-los sofrer”. É a marcha da nevrose perversa que o domina e o faz querer dominar seu objeto de gozo, para satisfazer seu vício sádico; e que não permanece o mesmo, porém, se modifica, objetivando-se de outra forma, como confessa Rodolfo ao dizer: “Agora a grande vontade era de espetá-los, de enterrar-lhes longos alfinetes, de cosê-los devagarinho, a picadas” (RIO, 1990, p. 17). Por fim, confessa a sua tara a Clotilde e implora para que o deixe espetar seu braço com um alfinete, ela reluta, mas, num ato “de bondade, de submissão, de desejo, de dedicação inconsciente” (idem), acaba cedendo ao noivo, que assim descreveu seu gesto sádico: “Foi como se fisesse uma pétala de camélia, mas deu-me um gozo complexo de que participaram todos os meus sentidos” pois “a delícia daquela carne que sofrera por meu desejo, a sensação do aço afundando devagar no braço da minha noiva, dava-me espasmos de horror! Que prazer tremendo!” (Idem).

O que depreendemos desse caso é aquilo que a referida psicanalista afirmou, num tom sentencioso, em relação à sociedade de consumo, organizada sob as leis da perversão e não da neurose: “O imperativo do gozo substitui a interdição do excesso” (KEHL, 2000, p. 94). Isso resume de forma cabal a organização psíquica-perversa de Rodolfo, que o impulsionava a buscar, a qualquer preço, o seu prazer insaciável. Mas não só a dele, como a do barão Belfort e des Esseintes também. Nos três personagens, o que constatamos é esse gozo imperativo, avassalador, um impetuoso desejo de gozar que toma conta e molda suas personalidades e ações. E a concretização desse desejo toma formas de perversões e sadismo, não se importando com aqueles que pagarão o injusto preço – pois nunca deveram – de seus vícios.

Retomando uma metáfora, dizemos que, enquanto esses três sádicos – des Esseintes, o barão Belfort e Rodolfo – são os servos da decadência, necessitando por isso de cultuá-la por meio de seus fetiches degenerados, d’Aigurande e sua esposa, Auguste Langlois, Praxedes e as duas Clotildes, estão do lado oposto àqueles, pois formam o conjunto de vítimas sacrificadas para materialização do culto. Assim, temos dois pólos: de um lado, sofrimento, dor, desespero e morte, de outro, satisfação, prazer, gozo e vida. Tudo isso, ressaltamos, faz parte da essência mesma dos decadentistas, não sendo um jogo insignificante, mas sim um jogo de vida e morte, pois o Decadentismo é, por excelência, a estética do prazer e do vício, e os seus seguidores, não contentes em serem eles mesmos malditos, necessitam

amaldiçoarem outros, trazendo-os para a barca do inferno em que navegam.

Conclusão

Em face do exposto acima, podemos dizer que o Decadentismo se ombreou aos demais períodos artísticos como forma legítima de expressão, tendo estabelecido novas posturas artísticas e sociais, que deixaram marcas definitivas na história literária. Podemos dizer que o Decadentismo foi autêntico, pois exprimiu genialmente facetas humanas que nenhum outro estilo artístico ousara fazer.

Esperamos que este trabalho tenha dando conta, ainda que parcialmente das características aqui apontadas e de seu alinhamento com o tema paralelo. Os exemplos destacados poderiam ser outros e vários, pois ambos os autores nos oferecem vasto material de estudo, sendo uma tarefa difícil escolher alguns e ter que renegar outros igualmente ricos.

Referências bibliográficas

HUYSMANS, Joris Karl. Às avessas. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

KEHL, Maria Rita. “O Fetichismo”. **In:** SADER, Emir (Org.) Sete pecados do capital. Rio de Janeiro: Record, 2000.

MUCCI, Latuf Isaías. Ruína e simulacro decadentista. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

PAES, José Paulo. “Huysmans ou a nevrose do novo”. **In.:** HUYSMANS, J. K. (Op. cit.).

PAGLIA, Camille. Personas sexuais. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

RIO, João do. Os melhores contos. Seleção de Helena Parente Cunha. São Paulo: Global, 1990.